

Pinto Awards¹:
As Novas Fronteiras da Privacidade e Exposição na Internet

Ana Carolina de Souza FERNANDES²
Eric Serrão SILVA³
Mariana Marcela de Fátima MORAES⁴
Nealla Valentim MACHADO⁵
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Nos fundamentando em pesquisa netnográfica e sob um viés feminista, investigamos a participação de homens no “evento” online Pinto Awards, no Twitter, que busca eleger o melhor pênis em 42 categorias a partir de fotos enviadas por membros da rede social. O artigo busca analisar as novas configurações das categorias: privacidade e exposição na internet; articulando conceitos sobre privacidade, exposição e privilégio masculino relacionado à exibição do corpo nu. Apoiado em dados resultantes de observações das interações no perfil da competição durante a quarta edição, realizada em setembro de 2019, questionamos a razão pela qual os participantes compartilharam imagens íntimas, em um contexto sexualizado e objetificado, para exibição online, sujeitos a críticas e exposição na rede mundial de computadores, cujo um dos grandes atributos está na capacidade de não esquecer nada (SIBILIA, 2018).

PALAVRAS-CHAVE: Privacidade; Exposição; *Pinto Awards*; Tecnologias da Informação e Comunicação; Internet.

INTRODUÇÃO

No atual contexto de inesgotável produção e surgimento de novos conteúdos, assim como o bombardeamento diário de informações em nosso mundo interconectado, o desejo por “atenção” e fama se tornou recorrente para uma parcela de usuários, de acordo com Paula Sibilia (2008). Diversas estratégias são adotadas em prol de angariar visibilidade em rede; para Sibilia (2018), “todos somos intimados a colocar em jogo cotidianamente, com o propósito de projetar perfis atraentes que sejam capazes de seduzir o maior número de olhares, conquistando likes e seguidores para dar espessura à própria existência”. Com o crescimento e a democratização das

¹ Trabalho apresentado na II07 - Comunicação, Espaço e Cidadania do XLIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 1 a 10 de dezembro de 2020.

² Estudante de graduação do 6º semestre de Publicidade e Propaganda da UFMT. Email: carolina.anasf@gmail.com

³ Estudante de graduação do 6º semestre de Publicidade e Propaganda da UFMT. Email: ericerrao.10@live.com

⁴ Estudante de graduação do 7º semestre de Publicidade e Propaganda da UFMT. Email: marianamarcelamoraes@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social da UFMT e doutoranda pela mesma instituição, no programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO). Email: nealla.machado@gmail.com

redes sociais, inúmeros perfis estão sendo criados diariamente, cada um desses perfis sendo apenas uma fração que compõe a enorme trama que a rede social constrói (MARTINO, 2015). Assim, seguindo a ideia de que existe um desejo de se destacar dentre os demais usuários (SIBILIA, 2018) grande parte dos que possuem perfis nas plataformas digitais buscam uma forma de se destacar entre tantos outros e serem notados pela audiência, nem que pra isso seja necessário expor a própria intimidade.

Paula Sibilía (2008) afirma em seu livro “*O Show do Eu*” que hoje a megalomania e a excentricidade humana não parecem desfrutar da mesma demonização que havia no século XIX. Para a autora, esse fato talvez ocorra por uma naturalização desses aspectos humanos, que antes eram, muitas vezes, atribuídas somente à pessoas de sucesso. Diante disso, podemos notar em nossas observações empíricas nas redes sociais, que a excentricidade e megalomania tornaram-se um alvo a ser atingido por muitas pessoas, como Sibilía (2008) já havia destacado, e estas podem vir a alcançar esse objetivo através da autonomia na produção de conteúdos que as redes sociais proporcionam a seus usuários, já que essas formas de conexão facilitam as formas de exposição deixando mais simples os mecanismos de postagem de fotos, *status* e interações.

Na mesma obra, Sibilía levanta a possibilidade de que a sociedade atual esteja sofrendo um surto de megalomania consentida e até mesmo estimulada, ou seja, “desvios patológicos da normalidade exemplar” (SIBILIA, 2008, p.8) admitida socialmente. Para este artigo, tal colocação é tangível por entender que alguns sujeitos, muitas vezes, optam por expor a própria privacidade, de modo a consentir com esse “estímulo da megalomania”, quase sempre, buscando aparentar ser o mais excêntrico possível. A partir disso, é possível linkar a potencialidade que a internet oferece à essas pessoas, pois atualmente, todos podem produzir conteúdo e alimentar a rede.

Observamos a crescente popularidade do evento online *Pinto Awards*⁶ no Twitter⁷, onde usuários podem enviar fotos de seus falos de forma privada para o administrador da página, que por sua vez irá encaixar a imagem em diversas categorias para votação. Enxergamos

⁶ Premiação sediada na rede social de microblogging Twitter, para escolher o “melhor pênis” em 42 categorias pré-estabelecidas. Os “competidores”, usuários da plataforma, se inscrevem e enviam fotos de seus pênis para a competição que conta com a votação dos seguidores da página.

⁷ Rede social e serviço de microblog de comunicação em tempo real que permite postagem e recebimento de atualizações pessoais de contatos pessoais e empresas, em textos de até 280 caracteres. Dentre as regras e políticas da rede, pornografia e outras formas de conteúdo adulto produzidos consensualmente são permitidas com a condição de que sejam sinalizadas enquanto conteúdo sensível, de modo que usuários que não querem consumir o conteúdo possam receber avisos prévios e indicar sua aceitação antes de visualizar a mídia.

nesta prática, a possibilidade de uma reflexão sobre as novas fronteiras de questões como: privacidade, exposição online e o privilégio masculino de se expor na Internet sem que haja maiores implicações na vida offline, como acreditamos ser o caso. A temática é resultado do interesse em entender como se dá a constante variação da privacidade nas relações online, exposição dos corpos, sua justificativa e as implicações da prática para os diferentes tipos de sujeito que se expõem na internet. O artigo busca compreender as relações por trás da exposição dos corpos - os nudes - de forma consciente, uma vez que os próprios concorrentes do *Pinto Awards* - em sua maioria homens⁸- enviam suas fotos para a competição, sem que a exposição seja involuntária ou indesejada. As hipóteses a serem consideradas e justificadas teoricamente vão de encontro com afirmações de Baltar e Barreto (2014) “a pornificação de si é um instrumento da subjetividade contemporânea que reivindica como desejo e prazer ser cada vez mais visível ao olhar público”, mas essa subjetividade reivindicada através do prazer é um privilégio do gênero masculino.

Para a elaboração do artigo, seguindo os preceitos netnográficos de pesquisa, foram observadas 42 postagens feitas no perfil oficial do *Pinto Awards* (@pintoawards) no Twitter, entre os dias 19 e 20 de setembro de 2019. Apenas o perfil oficial da premiação com posts referentes às categorias que concorriam à premiação foi observado. Para compreender o processo de interação social em ampla escala (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2016) foram observados os alguns comentários feitos por usuários da rede nas publicações, os *retweets*⁹ feitos pelo perfil oficial, o número de seguidores, *hashtags*, citações ao evento e perfis que buscavam emular, de alguma forma, o propósito do *Pinto Awards*, considerados relevantes para o entendimento das novas formas de exposição na internet. Metodologicamente, Corrêa e Rozados (2017) afirmam que “[...] a netnografia não se trata de proposta metodológica inteiramente nova, mas de uma ampliação das potencialidades do método etnográfico tradicional para contemplar as especificidades do ambiente digital.”. Diante disso, entendemos na netnografia a possibilidade de observar e registrar os fenômenos que configuram as novas fronteiras da privacidade na Internet.

Exposição e privacidade na terra sem lei

⁸ A participação feminina é possibilitada pela categoria “Melhor Pinto Feminino” na qual mulheres podem enviar fotos simulando um pênis por meio de objetos criativos.

⁹ Republicação de um tweet como forma de citação ao que foi dito por outro usuário.

Com o surgimento da Internet ao final da década de 80 do século XX e a posterior popularização da rede, que no Brasil acontece em meados da primeira década do século XIX é compreensível que alguns usuários tivessem receio de utilizar de ferramentas online, ou mesmo de utilizar a própria rede, em razão da falta de conhecimento sobre a recém-chegada tecnologia, além da possibilidade real de terem dados pessoais divulgados e a privacidade invadida-situação mais atual do que nunca (MARTINO, 2015). Sobre o sistema global de redes de computadores interligados, Sibilia (2018) afirma que subitamente passou-se a conviver com uma máquina que parece se lembrar de tudo, inclusive daquilo que poderia - e talvez deveria-ser esquecido.

A difusão da Internet na atualidade tornou importante para boa parte dos usuários a auto exposição própria como forma de autoafirmação e de ser visto pelo outro. Em razão da popularização da internet, e de uma série de pesquisas e estudos acadêmicos, sabe-se mais hoje sobre como nossos dados pessoais e nossa produção de conteúdos para a internet são coletados e usados para fins de manipulação de conteúdos e aplicação de golpes, do que quando a Internet surgiu e começou a ser difundida. No entanto, ainda assim, muitos usuários aparentemente parecem não se importar – ou compreender- o nível que essa exposição pode alcançar e optam por expor uma parcela editável de suas vidas nas redes sociais (SIBILIA, 2008); presumivelmente podemos perceber que, para uma parcela de usuários das redes sociais, a inquietação sobre a grandeza da rede de computadores e a perpetuação de dados pessoais no universo online relativizou-se, e a preocupação com a privacidade desaparece, ou se torna menor, em alguns aspectos que são revelados pelos usuários na internet. Para Lucila Ishitani (2003):

Privacidade é um conceito abstrato cujo valor e extensão variam de pessoa para pessoa. Podemos comparar a visão que cada pessoa tem de sua privacidade a uma bolha que a envolve. Essa bolha que cada um determina como sendo o seu limite de privacidade terá tamanhos diferenciados para cada pessoa. O que uma pessoa considera invasão de privacidade, outra pessoa pode considerar como algo completamente normal e aceitável. (ISHITANI, 2003, p.4)

Portanto, a resignificação dos limites da privacidade - e da própria noção de privacidade - também transforma o termo “invasão de privacidade”, não caracterizando uma mesma situação para todas as pessoas que utilizam as redes sociais. Algumas vezes, os dados pessoais divulgados em redes sociais pelos próprios usuários são apresentados enquanto escolhas, ao passo que a invasão de privacidade seria marcada por uma característica principal: a falta de consentimento em relação ao que é exposto. De acordo com Wang (1998) citado por

Ishtani (2003, p. 5), “privacidade geralmente se refere a informações pessoais, e invasão de privacidade é geralmente interpretada como coleta, publicação ou outro uso não-autorizado de informações pessoais, como um resultado direto de transações”. Ishtani (2003) ainda constata que o indivíduo perde o controle de sua privacidade na internet a partir do momento que divulga ou autoriza a divulgação de um fato ou informação pessoal, tornando a situação um caminho sem volta, pois uma vez na rede é praticamente impossível se ter controle da circulação da informação.

A fim de manter a privacidade e identidade resguardadas, sem o prejuízo do vazamento da intimidade que possa vir a reverberar na vida offline dos usuários, a prática da exposição dos corpos *seminus* ou *nús* sem a identificação da face ganhou força nos últimos anos, protagonizada por usuários de redes sociais - deliberadamente usada em aplicativos de relacionamentos como Tinder¹⁰ e Grindr¹¹, inicialmente concebidos para conectar casais héteros e LGBTQIA+¹², respectivamente (ZAGO, 2013). Zago (2013, p.423) ainda hipotetiza que: “A exposição das faces nas imagens dos perfis online talvez equivalha à sutura identitária [...]”. Assim sendo, teoricamente, a não-exposição da face junto aos corpos superexpostos nas redes sociais se deve ao fato do rosto ser o endereço do corpo; isto é, a maior condição de reconhecimento de um corpo se dá pelas características que compõem a face, então, para que não haja o julgamento ou reconhecimento do usuário no ambiente offline, a exposição dos corpos e partes íntimas tornou-se uma nova maneira de interação.

Na cultura ocidental, a face talvez seja o espaço mais público do corpo, e talvez, justamente por isso, ela esteja ausente em grande parte das fotografias dos perfis online de homens gays – algo que se constitui em uma estratégia de adiamento da sutura identitária que os assujeite a seu desejo homossexual. Por outro lado, as partes íntimas dos corpos dos usuários – os pênis – são publicadas com insistência, desde vários ângulos, mostradas através de muitas fotografias. Em certo aspecto, a face dos corpos se mantém em oposição às partes íntimas dos corpos, na medida em que uma é pública (deve ser pública) e as outras são íntimas (devem ser escondidas). (ZAGO, 2013, p. 423)

A observação dessa nova prática de exposição motivou o estudo do presente artigo. O evento online *Pinto Awards* que acontece no Twitter e movimenta o *trending topics*¹³ a cada

¹⁰ Aplicativo de relacionamento que combina pessoas a partir do interesse mútuo entre os usuários, gerando um “match”. Permite a conexão de pessoas de todos os locais do mundo para fins de paquera ou amizade.

¹¹ Aplicativo de relacionamento dedicado à comunidade LGBTQIA+. Assim como o Tinder, usa-se de ferramentas de geolocalização para conectar pessoas através das opção de filtros para ajudar o usuário a encontrar potenciais parceiros.

¹² A sigla LGBTQIA+ refere-se a: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais, entre outras possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero. Foi criada, e é constantemente adaptada, a fim de representar e incluir diversas orientações sexuais e identidades de gênero existentes.

¹³ Também definido como Assuntos do Momento, refere-se à uma seleção de termos e tópicos mais comentados na rede social Twitter durante certo período de tempo.

edição, exemplifica a inversão entre público e privado que ocorre com a face e o falo, como citado na obra de Zago (2013). A essa presença do evento no *trending topics* se dá pela alta quantidade de comentários e curtidas realizadas pelos internautas direcionadas ao evento, mostrando como esse tipo de “entretenimento” é atrativo para aqueles online, porém ainda sim se estendendo fora da internet quando as pessoas passam a se juntar em lugares para realizarem as votações em conjunto. Mas também, esse artigo quer dissertar sobre o privilégio masculino em expor a intimidade de corpos de homens cisgênero¹⁴ nas redes sociais sem que o julgamento ou questionamento da sociedade, em relação aos valores desses sujeitos seja estendido para outros segmentos da vida pessoal para além das redes sociais, como foi observado nos comentários da página do @pintoawards que serão analisados para a escritura do artigo.

O concurso de pintos

O idealizador do concurso, o cuiabano Luiz Leite, em um breve documentário com 80.854 visualizações¹⁵ intitulado #pintoawards¹⁶, produzido para a última edição do *Pinto Awards* e divulgado em 18 de agosto de 2019, conta que o evento online teve início em 2013, em razão de Luiz receber constantemente “nudes” de seguidores em seu perfil pessoal do Twitter, rede social palco da premiação. Leite teve a ideia de criar uma competição pequena para as fotos que recebia de forma privada, sem que houvesse a divulgação pública das imagens, apenas com o anúncio das categorias e os vencedores escolhidos por ele. Somente no ano de 2016 foi realizada a primeira edição oficial do “concurso” *Pinto Awards* da forma como acontece até hoje, com a divulgação das fotos e votação aberta para os seguidores da página oficial do concurso.

Com uma recepção positiva por parte de seus seguidores no Twitter, em 2016 o projeto foi aprimorado. Leite criou e organizou categorias e divulgou as imagens para que houvesse a votação; o resultado da primeira edição, como descreve Leite, foi uma “ascensão involuntária”. No primeiro ano da competição, a hashtag #pintoawards, usada durante o evento para promover engajamento, tornou-se o assunto do momento no Brasil em 15 de junho de 2016, com 4.422 menções em tweets, de acordo com prints registrados pelo criador.

¹⁴ Termo designado a indivíduos que se identificam, em todos os aspectos, com o gênero a que foram designados no momento do nascimento.

¹⁵ Dado coletado em 12 de nov de 2019.

¹⁶ Documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bPJsV5G7i0Q>. Acesso em 12 de nov de 2019.

A quarta e mais recente edição do evento realizada em 19 e 20 de setembro de 2019, contou com 42 categorias e 345 participantes inscritos¹⁷. Quando os dados foram colhidos o perfil oficial do *Pinto Awards* no Twitter (@pintoawards) conta com 154 mil seguidores¹⁸, além de possuir um perfil *backup* (@pintoawards) caso o original seja derrubado ou *hackeado*¹⁹. O evento também possui perfil homônimo no Instagram com 3.373 seguidores, concebido com o objetivo de marcar presença e divulgar posts informativos sobre o evento, horário e data, uma vez que as diretrizes da rede social possuem alguns critérios relativo a censura de nudez.

Em virtude da espontaneidade na criação do evento e visando apenas o “divertimento dos internautas”, de acordo com Leite, não houve reflexão ou planejamento sobre qual seria, de fato, o público-alvo almejado para participar e consumir o evento, como por exemplo se são homens cisgêneros gays, mulheres cis ou transgêneras heterossexuais, e de acordo com o organizador assim permanece. Em síntese, qualquer usuário que acessar o Twitter e procurar pelo evento, com a *hashtags* ou a própria página da premiação, podendo vir a se tornar audiência do mesmo, independente da orientação sexual ou identidade de gênero. Com a intenção de mensurar o gênero e as diferentes orientações sexuais da audiência e dos participantes do evento, conversamos com o criador da página, mas não foi possível ter acesso às métricas. Em nossa perspectiva, a performance de masculinidade presente nas imagens a partir do falo ereto não nos permite aferir a orientação sexual dos competidores e nem mesmo a sexualidade e o gênero da audiência de maneira precisa. Mas podemos perceber que aos homens cis é dado o privilégio da exposição sem maiores preocupações.

Ao cogitarem participar da competição, os usuários devem estar de acordo com termos e condições estabelecidos pelo criador formalmente explicitadas na ficha de inscrição do evento como: apresentar foto de documento que comprova ser maior de 18 anos e concordar com a divulgação da imagem e exposição a opinião pública. Leite comenta no documentário sobre situações anteriores em que imagens de terceiros foram enviadas para a competição e, após serem divulgadas, os verdadeiros donos reivindicaram sua privacidade. Isso leva à reflexão da diferença que teriam em imagens publicadas com as cabeças donas dos pênis, já que de acordo com Zago (2013):

As faces podem se insinuar nas fotografias, podem prometer suas presenças ao deixarem seus rastros em sorrisos ou em partes de olhos, mas elas não

¹⁷ Dados disponíveis em: <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/cidades/cuiabano-cria-concurso-nacional-que-elege-o-melhor-pnis/589988>. Acesso em 12 de nov de 2019.

¹⁸ Dados coletados em 12 de nov de 2019. Perfil disponível em: <https://twitter.com/pintoawards>.

¹⁹ Palavra do inglês “to hack” que significar acessar ilegalmente um sistema computacional sem a permissão do dono.

aparecem de modo tão central e integral quanto os pênis, que são publicados em centenas de fotografias de perfis online. (ZAGO, 2013, p.422)

Esses acontecimentos apenas reforçam a facilidade existente para roubar fotos de corpos sem rostos, quase um roubo de identidade, já que a face é um mapa e pode ficar impregnada em todo o corpo, sendo capaz de atribuir-lhe uma identidade e de suturar, no corpo, essa identidade (Zago, 2013).

Situações como a citada anteriormente podem ter implicações legais para o dono da página, já que Leite responde como criador do evento e administrador da página, podendo sofrer consequências em âmbito jurídico. O injuriado, proprietário da imagem divulgada sem consentimento, pode requerer uma compensação pelo dano sofrido com fundamento no artigo 5º, inciso V da Constituição Federal de 1988.

Brasil. Constituição (1998), Artigo 5º. “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem”

Há ainda o risco de ser responsabilizado criminalmente, cabendo à vítima notificar autoridades policiais para que sejam realizadas investigações. Aqui o agente - aquele que procedeu à divulgação indevida, no caso o proprietário da página - responder por injúria ou difamação, podendo até mesmo a pegar detenção ou pena de prisão. Sem contar que, caso o conteúdo vazado tenha sido obtido sem autorização da pessoa exposta, quem “roubou” a identidade de outrem poderá responder por invasão de dispositivo informático, podendo pegar até 1 ano de prisão de acordo com o Código Penal pela lei 12.737/2012²⁰.

Tendo em mente os riscos legais que a divulgação sem permissão de imagens de terceiros poderia acarretar, mas com o objetivo de dar continuidade ao projeto de forma responsável, Leite estabeleceu uma regra que tenta auxiliar na prova de que as fotos foram produzidas de maneira consentida, desta forma, qualquer imagem que for enviada para participação na competição devem, obrigatoriamente, conter uma placa de identificação escrita

²⁰ Art. 154-A. Invadir dispositivo informático alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo ou instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita. Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa.

em papel à mão pelo participante com a *hashtag* e endereço online do evento para a certificação de não se tratar da divulgação da imagem de outras pessoas.

Em terra de pinto quem tem cara é rei

A análise dos posts do evento *Pinto Awards*, permite notar uma forte relação de exibicionismo e narcisismo em torno do órgão sexual masculino, de maneira que os participantes encontraram prestígio pelo simples fato de terem um falo, sem serem julgados por terceiros em relação ao formato, tamanho e outras características físicas de seus falos de forma direta. Essa espetacularização de genitálias masculinas, além de gerar recreação e engajamento online por meio de *hashtags* e curtidas, também proporciona, muitas vezes, um “envaidecimento” e estabelece uma certa masculinidade hegemônica (MACHADO, 2018) entre os concorrentes, uma vez que existem vencedores com os “melhores pênis”, e que a exposição do pênis sem precisar identificar o rosto e ainda receber elogios, suscita a possibilidade positiva de inserção dentro do ciberespaço (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2016) e uma reafirmação de masculinidade representada por um falo enrijecido, outrossim influência “[...] na criação de uma relação social mediatizada por imagens” Debord (2003, p.14). Isto é, esses ‘nudes’ compartilhados no espaço virtual, promovem a geração de laços e do estabelecimento de hierarquias sociais, os quais são responsáveis pela viralização do conteúdo, entre os usuários que votam nas categorias de cada pênis, e os falos mais “desejados” recebem mais votos, tornando assim os donos dos falos os homens mais desejados.

Não há como negar a existência de várias formas de acesso rápidas ao mundo digital na atualidade, uma vez que com um celular portando câmera e acesso à internet, as pessoas possuem muito mais praticidade em postar o que estão fazendo com apenas alguns toques na tela, ou seja, a simplicidade em se expor cada vez mais íntima e pessoalmente faz com que os usuários não se sintam impedidos de serem mais ousados em evidenciar as suas particularidades no universo online. “Assim como ocorre com as categorias de público e privado, agora essência e aparência também se confundem e misturam nestas novas práticas vitais, sem privilégios morais para a primeira nem desprezo para segunda.” (SIBILIA, 2018)

Essa exposição facilitada também se deve ao surgimento de redes sociais que ostentam ferramentas muito mais modernas e avançadas do que os blogs, que já foram uma das principais plataformas usadas digitalmente. Essas novas redes possuem mais ferramentas de proteção, como mensagens e dados criptografados que cria nos usuários uma visão de mais “liberdade” e “privacidade de uso” dessas plataformas, o que não é, necessariamente real, enfatizando como

o ambiente virtual se modificou rápida e freneticamente, trazendo rapidez e agilidade na produção e disseminação de conteúdo online. (ISHITANI, 2003. Martino, 2015)

Para mais, é perceptível que o exibicionismo no evento *Pinto Awards* apresenta caráter sexista evidenciando o machismo da premiação. O privilégio de exibir seus órgãos genitais sem se preocupar com difamações e desonras é permitido apenas ao público masculino, “na realidade alguns sentem até ‘orgulho’ pela possibilidade de demonstrar publicamente a ‘virilidade sexual’” (MACHADO, 2018). Em um cenário contrário, mulheres que expusessem suas vaginas para serem votadas, certamente seriam vítimas de julgamentos opressores, sexistas e questionamentos em relação a “honra” das participantes, ao invés de serem percebidas apenas como um “entretenimento online”, o qual une diversos usuários em prol da comicidade, como o promotor do *Pinto Awards* descreve seu concurso. Sendo assim, a chance de estigmatização social é maior para aquelas do sexo feminino, atingindo de formas diferentes cada mulher. Segundo Machado (2018):

Percebemos que mulheres de uma idade mais elevada e de um nível socioeconômico maior conseguem visibilizar mais formas sociais, psicológicas e materiais de lidar com a exposição das imagens íntimas compartilhadas na internet. Garotas mais jovens e/ou mais pobres, se vêem subjetivamente e diretamente atadas à divulgação das imagens, o que torna mais complexas as aparições públicas sem os sentimentos de “humilhação” e “vergonha”. Ou seja, essas garotas não encontram meios de se desassociar da imagem íntima que foi divulgada. (MACHADO, 2018, p.107)

Os participantes do *Pinto Awards* parecem não se preocupar em eternizar seus pênis no Twitter. Aparentemente o momentâneo e o instantâneo são o que mobiliza a maior parte da atenção dos participantes, em que apenas a exposição do pênis em busca da atenção, e da votação, da audiência do evento para um “show” de virilidade e potência sexual, por parte dos participantes, considerando que os votantes não possuem nenhum acesso ao rosto do dono daquele corpo exposto, dessa forma aqueles pênis estão “soltos”, não possuem identidade, somente uma prometida potência sexual.

Hoje, os ‘nudes’ já são uma prática mais comum que no passado e essa maior naturalização fica evidente no dia do evento na rede social; os usuários são conectados pela excepcionalidade da situação, compartilhando, votando e compactuando, com uma certa falta de preocupação, com a objetificação dos donos dos falos, sem maiores considerações sobre como irão se sentir em relação ao que está sendo comentado ou como aquilo irá afetar suas vidas. Isso ocorre, pois de acordo com Paula Sibilía (2018, p. 226) a “espetacularização de si

mesmo se legitimou e se generalizou de forma tão irrefutável, a pretensão de manter algum controle sobre os próprios dados em suporte digital torna-se menos plausível”.

Sendo assim, a privacidade e o controle sobre o nível de exposição no *Pinto Awards* andam em caminhos incongruentes com a proposta do evento. Apesar dos reflexos negativos, conforme percebemos, serem poucos ou inexistentes na vida offline dos que optam por expor seus falos para a competição - já que o evento, inevitavelmente de ordem machista, não desonra os integrantes relativizando a nudez masculina pela falta de exposição dos rostos e de forma pitoresca - não podemos excluir a possibilidade de que, de alguma forma, essas imagens possam afetar negativamente a vida dos concorrentes, pela simples razão de estar presente em um ciberespaço que abrange um número descomedido de visualizações, curtidas, compartilhamentos e o principal julgamentos copiosos. Além das questões de ordem psicológica que essa exposição pode vir a causar nos participantes. Se receber poucos votos o pênis daquela imagem vai se sentir inferior, fica triste, se sentir menos másculo, menos potente? Até que ponto essa objetificação vai trazer somente divertimentos e prazer?

Direitos inerentes e indiscutíveis de um pinto

Com uma breve viagem no tempo, é possível perceber que o papel social feminino ocupou diversos espaços ao longo da história. Aristóteles defendia que a mulher era um homem incompleto. Rousseau (GASPARI, 2003, p. 29) detinha um discurso de que a educação feminina deveria ser restrita ao doméstico, pois, segundo ele, elas não deveriam ir em busca do saber, considerado contrário à sua natureza. Vistas como objeto de posse das figuras masculinas a seu redor, apenas conquistaram alguns direitos após anos de luta. No entanto, a desigualdade entre os gêneros ainda permeia os dias atuais, mas se constitui, cada vez mais, de forma sutil e estrutural. Um exemplo recorrente se dá no contexto da exposição dos corpo, de forma que o homem, ao escolher expor seu falo online, é percebido socialmente apenas como um ser livre que fez escolhas, enquanto a mulher não; ao desconsiderarmos a violência por vazamentos involuntários de fotos íntimas que atingem mais mulheres que homens (MACHADO, 2018), caso ela opte por se expor, poderá ser alvo de xingamentos, ofensas e vista com maus olhares no âmbito em que se insere.

A prática dos “nudes” e exposição do corpo se naturalizou, porém está longe de ser entendida como igualitária. Mesmo sem o reconhecimento pelo endereçamento da face, genitais femininos são, constantemente, mais polemizados e controvertidos que masculinos,

evidenciando amarras sociais impostas pelo patriarcado no cumprimento de um decoro subentendido que deve ser seguido apenas por mulheres. O *Pinto Awards* evidencia essa realidade. Homens cisgêneros expõem suas partes íntimas para competir em uma rede social, e tal ação foi - e ainda é - entendida e tratada com naturalidade e diversão por usuários da rede, sem que houvesse a necessidade de qualquer tentativa de convencimento ou propaganda, para além da espontânea feita pelos usuários da rede, para que o evento atingisse a popularidade que tem hoje.

Ao analisar páginas criadas com o mesmo propósito de exposição dos corpos como o *Pinto Awards* mas direcionadas para diferentes públicos (mulheres cis ou transgêneras) e exposição de diferentes partes do corpo, como o “Peito Awards”, também sediado no Twitter, percebemos a necessidade por parte das criadoras em enfatizar o objetivo da criação do evento, supostamente pautado em promover a auto aceitação e libertação de prisões impostas pela sociedade, como descrito no perfil da página, além do encorajamento para que as usuárias participem, possivelmente partindo de um entendimento sobre o receio sobre julgamento e ofensas que possam preocupar as candidatas.

Zago (2013) observa que, nas redes sociais, apenas algumas parte do corpo são relevantes para serem mostradas, de modo que o rosto é a mais sigilosa, fazendo dos usuários “corpos sem cabeças” assim como acontece no *Pinto Awards*. A possibilidade de expor o corpo sem mostrar a face constitui um fator convidativo do evento para os participantes que veem na ação de exhibir exclusivamente seu órgão genital, a possibilidade de omitiram sua identidade, assegurando que o papel de “homem respeitável” que ocupa socialmente não será afetado. O autor ainda discursa sobre como o corpo do homem jamais está totalmente nu se é seu pênis que é mostrado, esse corpo estará vestido com seu sexo; o corpo não estará sem identidade pela ausência da face na imagem em contraponto com o pênis: ele tem o rosto de seu sexo.

As partes íntimas dos corpos dos usuários – os pênis – são publicadas com insistência, desde vários ângulos, mostradas através de muitas fotografias. Em certo aspecto, a face dos corpos se mantém em oposição às partes íntimas dos corpos, na medida em que uma é pública (deve ser pública) e as outras são íntimas (devem ser escondidas). (ZAGO, 2013, p. 423)

Além do perfil “Peito Awards” citado anteriormente, foram encontrados também outros eventos com propósito similar ao *Pinto Awards* ao se tratarem de competições para exposição de partes do corpo, sem endereçamento facial. Destacamos o evento “Raba Awards”,

competição para eleger a melhor nádega masculina²¹ em diferentes categorias sugeridas pelos seguidores da página que, durante a formulação do presente artigo, estava previsto para acontecer no dia 01 de dezembro de 2019. Observamos que o evento em questão foi criado no twitter no dia 19 de setembro, data em que ocorria o *Pinto Awards*, o que pode ser interpretado como uma consequência da popularidade e movimentação que a competição entre pênis gera na rede, engendrando uma tendência na rede social. O acompanhamento e observação aprofundada do evento “Raba Awards” não foi considerado relevante para o presente estudo. Courtine (2005) aponta para a prática da exposição de outras partes do corpo ser mais comum que a de cabeças e faces:

É fazer do corpo, ou de partes do corpo, a tradução máxima e clara daquilo que é mais importante nos indivíduos; partes do corpo trabalhadas através de “práticas destinadas a demonstrar uma integração às normas corporais em vigor, a fornecer um testemunho da comunhão com a cultura do corpo. [...] (COURTINE, 2005, p. 85)

Ao passo que, a multiplicação de eventos como competições e premiações para a exposição dos corpos valida a cultura do corpo e reafirma, através do engajamento dos consumidores do evento, a padronização dos corpos.

Considerações Finais

É complexo afirmar ao certo a razão pela qual as pessoas optam por se expor nas redes sociais, tornando suas partes íntimas algo público e até mesmo elemento de diversão social. Mesmo com estudos bases teóricas, é complicado entender o que se passa na cabeça de cada um, mas uma análise geral pode trazer algumas conclusões e abrir outros questionamentos. Com a internet, a necessidade de ser famoso na “terra sem lei” – pois é perceptível que as forças de controle dos estados tem dificuldade de atuar - se torna objeto de desejo de muitos usuário e, aparentemente, não há forma melhor de fazer isso do que polemizar nas redes e ocupar um espaço de destaque no ciberespaço. Uma competição é sempre bem vinda e acolhida por todos que desejam se destacar, já que, através dessa competição sempre será exaltado algum dos participantes e lhes proporcionará momentos de fama e satisfação pessoal, ainda que breves, podendo ser uma fonte de prazer para alguns.

Em algum grau, se expor na internet virou rotina para todos nós que utilizamos as redes sociais, seja de forma “simples” como fazer login em algum estabelecimento ou postar uma

²¹ o evento era direcionado ao gênero masculino, possuindo apenas uma categoria direcionada a participação público feminino.

imagem com localização nas redes sociais, ou de maneira mais radical, como é o próprio *Pinto Awards*, através da exposição dos pênis para a votação do público. Expor as partes genitais de homens cisgêneros para ganhar prestígio e notoriedade, só deixa claro que cada mudança que acontece na internet, algumas as pessoas estão mais ávidas para preencher algum tipo de vazio causada pela existência dos sujeitos na contemporaneidade. Sendo assim, já é explícito que os termos exposição e privacidade aparecem com diferentes significados e limites dentro das redes, e essas barreiras que foram ultrapassadas acabam afetando a vida offline desses sujeitos: seja de maneira considerada positiva ou negativa.

Em razão da complexidade do assunto e as inúmeras possibilidades pelas quais os usuários da internet expõem sua privacidade, consideramos necessária a continuação dessa pesquisa, de maneira mais reflexiva e mais extensiva, como entrevistas com participantes do *Pinto Awards*, rastreamento mais aprofundado de dados das edições anteriores e acompanhamento em tempo real das próximas edições do evento, a fim de registrar a movimentação, menções, comentários e seguidores da página já que muita dessas ações se perdem com o passar do tempo para dar espaço à novos conteúdos que estão em constante produção.

No entanto, como uma primeira reflexão a respeito da exposição de falos no *Pinto Awards*, entendemos aqui, de forma breve, que a necessidade de alguns usuários homens das redes sociais de serem vistos e prestigiados, em meio aos inúmeros de conteúdos que são produzidos na era da informação, mesmo que de forma anônima, resulta na exposição da privacidade, dos corpos, dos paus, e de dados sem medo do futuro, de alguma associação do pênis sem rosto, ou mesmo da possibilidade de compartilhamento incontrolável da Internet, que pode perpetuar informações de maneiras nunca antes vistas na história da humanidade, que em um passado recente amedrontava os recém-internautas de compartilhar suas vidas online, mas que atualmente fascina, alimenta e proporciona satisfação e prazer a um corpo de usuários.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, [S.L.], v. 22, n. 49, p. 1-18, 9 maio 2017. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1518-2924.2017v22n49p1>.

COURTINE, J-J. **Os Stakhanovistas do Narciso: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo**. In: SANT'ANNA, D. (Org.). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p.81-114.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESCOLA Brasileira de Direito. **Nudes: quais consequências jurídicas do vazamento de fotos íntimas?**. 2017. Disponível em: <https://ebradi.jusbrasil.com.br/artigos/483105689/nudes-quais-consequencias-juridicas-do-vazamento-de-fotos-intimas>. Acesso em: 25 ago. 2020.

FRAGOSO, Suely. RECUERO, Raquel. AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2016.

GASPARI, Leni Trentim. **Educação e Memória: Imagens Femininas nas “Gêmeas do Iguaçu” nos anos 40 e 50**. (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2003.

ISHITANI, Lucila. **Uma Arquitetura para Controle de Privacidade na Web**. 2003. 92 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Computação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2003.

MACHADO, Nealla Valentim. **“Manda nudes?”: imagens íntimas e representações de gênero na mídia brasileira**. Aceno: Revista de Antropologia do Centro-Oeste, [S.L.], v. 5, n. 9, p. 99-110, 22 dez. 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes e redes**. 2. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2015.

SANT’ANNA, D.B. **Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres**. In: RAGO, M.; ORLANDI, L.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.99-110.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.p. 286.

SIBILIA, Paula. **“Você é o que Google diz que você é”**: a vida editável, entre controle e espetáculo. Intexto, [S.L.], n. 42, p. 214, 25 abr. 2018. Faculdade de Biblioteconomia Comunicação. <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201842.214-231>.

ZAGO, L.F. **“Glass closets” and “headless bodies” in online gay biosociability**. Interface: Comunicação, saúde e informação. Botucatu, v.17, n.45, p.419-31, abr./jun. 2013.